

Maestri Filho, Mário José. *Breve história da escravidão*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987. 112 p. (Série Revisão, v. 25.)

A discussão da escravidão em nossa formação social tem merecido nos últimos anos inúmeros trabalhos – tanto acadêmicos, quanto de divulgação – que nos têm permitido uma melhor compreensão deste importante fenômeno econômico-social.

O Brasil, último país americano a abolir a escravidão, por mais de 300 anos dependeu dessa forma bárbara de exploração humana. Apesar de decorridos quase 100 anos do 13 de maio de 1888, “única revolução social conhecida pela história brasileira”, a posição subalterna a que o negro está condenado em nossa sociedade e a velada – às vezes explícita – discriminação enfatizam de forma espantosa as vicissitudes da idéia de democracia econômica e social em nosso país.

Desde o lançamento, em 1978, do livro *O escravismo colonial*, de Jacob Gorender (Ática), instaurou-se viva polêmica sobre a natureza de nosso sistema colonial, tendo como contraponto mais expressivo a tese de Fernando Novais, *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial – 1777 – 1808* (Hucitec, 1979).

Gorender advoga a tese de que o ‘escravismo colonial’ seria um “modo de produção historicamente novo”, específico do Novo Mundo, enquanto Novais trabalha com a idéia de que o nosso sistema colonial era fundamentalmente um apêndice do emergente modo de produção capitalista, em desenvolvimento na Europa Ocidental e, portanto, regido pela lógica deste. Os problemas metodológicos que contrapõem as duas interpretações têm rendido muita discussão, entre elas a da determinação interna ou externa para a análise da formação social brasileira ou a valorização diferenciada de episódios de nossa história, como, por exemplo, a já citada abolição.

Mário Maestri, ex-professor de história da África no Curso de Mestrado em História da UFRJ, escreveu primeiramente sobre o desenvolvi-

mento do escravismo colonial no Sul do País, na mesma linha de Gorender. Mencione-se o texto de divulgação *O escravo gaúcho: resistência e trabalho* (Brasiliense, 1984) e sua tese de doutorado defendida em Louvain (Bélgica), posteriormente publicada pela Editora da Universidade de Caxias do Sul, intitulada *O escravo no Rio Grande do Sul: a charqueada e a gênese do escravismo gaúcho* (1984). Posteriormente publicou, entre outros, *O escravismo antigo* (Atual/Ed. Unicamp, 1985).

Com este trabalho, procura apresentar, em linhas gerais, as principais características de diferentes sociedades que conviveram com o trabalho escravo, quer como forma dominante de trabalho (caso do escravismo antigo, em suas versões grega e latina e, também, do Novo Mundo), quer como forma periférica (caso do feudalismo).

Partindo do “pressuposto de que a escravidão – status jurídico consuetudinário ou institucional –, no contexto de diferentes níveis de desenvolvimento das forças produtivas materiais, deu origem a diferentes sociedades escravistas”, o autor procura analisar características destas sociedades, bem como faz uma crítica dos processos de transição de um modo de produção a outro, enfrentando questões polêmicas, como, por exemplo, a do desenvolvimento ou não das forças produtivas na passagem do escravismo antigo ao modo de produção feudal.

A abordagem clara e referenciada nos principais especialistas de cada período, além da relativa escassez de textos que façam uma análise comparativa da escravidão ao longo da história ocidental, torna este texto um bom guia para um primeiro contato com o tema, podendo ser muito útil para os cursos de nível médio e básico do ensino superior.

Romualdo Luiz Portela de Oliveira

Professor no Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da Universidade de São Paulo.

DaMatta, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, 178 p.

Roberto DaMatta é, sem dúvida, um dos mais conceituados antropólogos brasileiros. Na militância de sua profissão, desde 1959, vem-se dedicando ao Departamento de Antropologia do Museu Nacional (Rio de Janeiro), orientando inúmeras dissertações de mestrado e doutorado, ministrando aulas e seminários no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

De sua obra, destacam-se vários livros. *Ensaio de antropologia social*, publicado pela Editora Vozes em 1973, é o primeiro livro individual do autor e é marcado pela diversidade de interesses de quem estava buscando um objeto definitivo de pesquisa. Isto é, aborda o problema da “má sorte na Amazônia”, escreve sobre mitologia indígena, analisa o carnaval e tece, também, críticas literárias. *Um mundo dividido – a estrutura social dos índios apinayé*, lançado em 1976, pela Editora Vozes, e também traduzido e publicado em inglês pela Harvard University Press, é resultado do trabalho acadêmico desenvolvido durante 10 anos no Museu Nacional e na Universidade de Harvard.

Já *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, publicado pela Editora Zahar – traduzido para o francês – é um trabalho mais de estilo ensaístico. Aliás, a nosso ver, um dos mais polêmicos estudos de Roberto DaMatta. Lançado em 1979, apresenta uma análise do carnaval brasileiro, privilegiando seus aspectos englobadores, estudando as vestimentas carnavalescas, a linguagem do carnaval e as modificações que essa festa provoca no tempo e no espaço urbano. É uma interpretação por meio de uma perspectiva comparada, visando a inferir implicações políticas desse rito no cotidiano brasileiro, focalizando-o com relação ao trabalho e aos valores que guiam o dia-a-dia.

Mas o autor não parou aí. Há uma série de outros livros – uns em forma

mais de tese e outros mais didáticos – e artigos, abordando temas que vão desde a *violência*, passando pelo universo do *futebol* e chegando até a *sexualidade*. Mas não é agora o caso de fazer-se referência a tais publicações. Interessa-nos, no momento, seu mais recente livro *A casa & a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, que acaba de ser lançado pela Editora Guanabara, com 178 páginas.

Neste novo estudo, Roberto DaMatta não se serve de uma antropologia social “bem comportada”. Há um ar de irreverência em seus escritos e um estilo mais solto ao tentar compreender as questões escolhidas como objeto de interpretação. Não é um trabalho de fácil leitura. Pelo contrário, exige grande esforço e, em alguns momentos, as interpretações se tornam até complicadas, pois o autor se utiliza de várias metáforas para sustentar algumas de suas teses. Porém, graças à própria mestria de Roberto DaMatta, não há parágrafos ininteligíveis. Urge, isso sim, atenção na leitura para compreender a idéia do autor e, também, faz-se necessário antes de mais nada, entender o eixo central de interpretação que norteia este estudo.

Em outras palavras, o ensaísta está analisando o Brasil como uma *sociedade relacional*. Do ponto de

vista de Roberto DaMatta, para entender o Brasil, mais importante do que os elementos em oposição, destacam-se a sua *conexão*, a sua *relação*, os *elos* que conjugam os seus elementos. Assim, a interpretação dos temas (espaço, cidadania, mulher e mortes) neste livro reside naquilo que está “entre” as coisas. É a partir dos conectivos e das conjunções que o ensaísta considera o melhor ângulo para ver as oposições, sem desmanchá-las, minimizá-las ou simplesmente torná-las irredutíveis. Percebe-se, desta forma, o porquê do & no título do livro – *A casa & a rua*: um elo que permite balizar duas entidades e que, simultaneamente, inverte o seu próprio espaço.

Nesta perspectiva de análise, nota-se que não estão sendo, neste livro, esvaziadas as contradições. Pelo contrário, estão sendo reveladas as suas naturezas, deixando mais clara a maneira com que cada cultura lida com elas. Cumpre observar, também, que “casa” e “rua” neste estudo são categorias sociológicas fundamentais. Não designam apenas espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis. Referem-se, também, a entidades morais, esferas de ação social, domínios culturais institucionalizados, despertando emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.

Um ponto muito interessante, em nossa opinião, é o exame de um triângulo ritual bem típico do Brasil, revelando que mito e realidade são, na sua lógica mais profunda, a mesma coisa. O autor vem, há vários anos, estudando três tipos de rito: o da *desordem* (carnaval); o da *ordem* (cívicos); e o dos *cerimoniais* “neutros” (religiosos). A partir deste triângulo percebem-se várias implicações dentro da sociedade brasileira. E é neste quadro que se compreende mais claramente a perspectiva da análise do ensaísta, entendendo o Brasil como uma *sociedade relacional*. Tal tese fica assaz evidente quando o autor trata da questão da *mulher*, ao abordar o romance *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado.

A casa & a rua é um trabalho cuja leitura nos foi sumamente gratificante. Mas, como observa Roberto DaMatta, no início de seu estudo, este livro é o mesmo que uma casa. “Nela, se há regras para o anfitrião, há também normas para a visita. E que até mesmo quando não se gosta, se pode dizer isso educadamente e generosamente. Fique à vontade.”

Sergio Amad Costa
Professor no Departamento de
Fundamentos Sociais e Jurídicos
de Administração da EAESP/FGV.

Negociações Mundo Afora



Os autores foram movidos pelo propósito de preencher a necessidade de bibliografia específica, em língua portuguesa, sobre tema de importância crescente, principalmente no âmbito latino-americano.

De cunho prático e didático, aborda sucessivamente: uma síntese extensiva da evolução econômica da América Latina; as bases metodológicas das negociações internacionais; sete estudos de casos, que analisam os aspectos formais das diversas modalidades de negociações e indicam possibilidades de negociações de vários produtos primários e manufaturados, bem como de serviços.

Nas Livrarias da FGV